

JOÃO FRANCISCO NEVES

nevesj@terra.com.br

Colóquio

Mal-Estar e Subjetividade, Hoje:

**De uma Questão a uma Hipótese/Tese – Uma
Proposta**

PHORUS I.P. INSTITUTO DE PSICANÁLISE

26 de Maio de 2012

Mal-Estar e Subjetividade, Hoje: De uma Questão a uma Hipótese/ Tese – uma Proposta

O humano seria a conjunção de carbono, água, história e acaso

João Francisco Neves

Parodiando Raul Seixas, diríamos:

Eu nas/ci/cemos há bilhões (?!?) de anos atrás...

Resumo

A partir do exame/vivência da Incompletude do Sujeito, onde o binômio Cultura/Natureza é questionado numa tentativa de desconstruí-lo, o autor se propõe a nomear segundo Freud – neste primeiro momento, ainda que de forma telegráfica – os marcadores/causas/implicações e as perspectivas futuras do Mal-Estar Contemporâneo. Termina propondo uma Hipótese/Tese quanto ao processo das relações entre Cultura/Natureza/Evolução... Orgânico/Pós-Orgânico.

Palavras-chave:

Psicanálise, Desconstrução, Subjetividade, Mal-Estar, Contemporaneidade, Pesquisa, Projeto, Orgânico, Pós-Orgânico, Hipótese/Tese, Carbono, Água e Evolução.

I – Introdução: De uma proposta e muitas questões

1. O princípio básico do qual partimos – que a Psicanálise considera como fundante – é conhecido de todos nós e foi assim resumido por Freud:

"... e o desamparo inicial do seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais" (Freud, v. I, p. 422).

Cientes da incompletude do sujeito e suas consequências referenciadas por Freud em seu "Projeto para uma Psicologia Científica" nos propomos examiná-las mais à frente, tendo como contraponto, ou conservando sempre em mente, dois outros textos de Freud: "O Futuro de uma Ilusão" e "O Mal-estar na Civilização". O nosso objetivo neste momento, por absoluta falta de espaço/tempo, é somente questionar de forma sucinta as relações entre natureza e cultura, utilizando dos recursos do próprio pensamento psicanalítico para articulá-lo com as pesquisas do filósofo franco-argelino Jacques Derrida.

Com relação a esta vivência do sujeito no início da vida – sua incompletude – e com isto as questões que envolvem/introduzem uma variável, as relações da cultura com a natureza, em nosso entendimento, implicam um processo de mudança/transformação que jamais se completaria.

2. Neste Colóquio que tem como tema "Mal-Estar e Subjetividade" em que são enfocadas, entre outras questões, as relações entre cultura e natureza, queremos introduzir no Phorus I.P um novo polo de discussão, de grande valor heurístico para o nosso processo de estudo/pesquisa, no âmbito da Psicanálise e da interminável formação de analistas. Trata-se da tentativa de Jacques Derrida do seu Projeto de uma releitura da Filosofia, Literatura, História, Fenomenologia, Psicanálise, e das Ciências Humanas, inclusive do conceito clássico de Ciência tal como conhecemos hoje. Para começar, a Desconstrução/Suplementaridade pretende questionar os pressupostos básicos – pressuposições – que sustentam o pensamento ocidental, como sabemos de tradição idealista. Ou seja, esta forma de Interpretar o mundo impondo verdades/valores tidos como universais: natureza/cultura, corpo/mente, dentro/fora, causa/efeito, verdade/mentira, homem/mulher... Ocorre, então, o seguinte: é estabelecida uma espécie de hierarquização. Ou seja, é "inventada" a superioridade de um termo sobre o outro. Aqui neste texto pretendemos tratar, ainda que de forma sinóptica, somente a questão das relações da natureza com a cultura. Antes, iremos resumir o que entendemos por esta nova-velha abordagem da realidade. A melhor definição/explicação sobre o que é Desconstrução/Desconstrutivismo foi feita por Elisabeth Roudinesco no livro *De que amanhã: diálogo*, publicado juntamente com Jacques Derrida:

"Utilizado pela primeira vez por Jacques Derrida em 1967 na *Gramatologia*, o termo 'desconstrução' foi tomado da arquitetura. Significa a deposição ou decomposição de uma estrutura. Em sua definição derridiana, remete a um trabalho do pensamento inconsciente ('isso se desconstrói'), e que consiste em desfazer, sem nunca destruir, um sistema de pensamento hegemônico e dominante. Desconstruir é de certo modo resistir à tirania do Um, do *logos*, da metafísica (ocidental) na própria língua em que é enunciada, com a ajuda do próprio material deslocado, movido com fins de reconstruções cambiantes..."
(DERRIDA & ROUDINESCO, 2004, p.9).

Dizendo de outra forma, podemos concluir que a “Desconstrução” se propõe:

Primeiro: questionar, interrogando de forma sistemática a questão:

“o que é?”. Deixar vir à tona outras vozes que inúmeras vezes são impedidas de se manifestarem sufocadas pelo pensamento monológico.

Segundo: em outras palavras: descobrir a heterogeneidade que habita em toda e qualquer identidade. Ou seja, colocar a descoberto a estrutura interna dos “textos.”

Em suma, esta questão não nos impede de entrar em contato e/ou encontrar o que já sabemos: nada existiria em “si mesmo”, nos remetendo no final a Kant/Freud a propósito da “Coisa em Si”...

Daí como analistas, juntamente com Freud, os pós-freudianos e agora com Derrida, pretendemos colocar sob suspeita as nossas afirmações, sejam quais forem elas e partam de onde partir. Por outro lado, sabemos que o trabalho de Desconstrução não deve ser tomado como sinônimo de destruição, mas como um processo de questionar, de interrogar, de decompor e de reorganizar, na tentativa de dar ou não outros sentidos aos chamados discursos presentes em nosso dia a dia, os quais têm como referência a metafísica ocidental, que deve ser subvertida, uma vez que é vista por nosso autor como logocêntrica e dominadora. A propósito do logocentrismo, Derrida nos parece, no trecho abaixo, esclarecedor. Diz ele:

“Todas as determinações metafísicas da verdade, e até mesmo a que nos recorda Heidegger para além da ontoteologia metafísica, são mais ou menos imediatamente inseparáveis da instância do logos ou de uma razão pensada na descendência do logos, em qualquer sentido que seja entendida: no sentido pré-socrático ou no sentido filosófico, no sentido do entendimento infinito de Deus ou no sentido antropológico, no sentido pré-hegeliano ou no sentido pós-hegeliano. Ora, dentro deste logos, nunca foi rompido o laime originário e essencial com a phoné, {....} Tal como foi implicitamente determinada, a essência da phoné estaria imediatamente próxima daquilo que, no ‘pensamento’ como logos, tem relação com o ‘sentido’; daquilo que o produz, que o recebe, que diz, que o reúne” (DERRIDA, apud Pedroso Junior, 2004, p.13).

Assim, podemos considerar que a Desconstrução não é propriamente uma proposta filosófica, mas, sobretudo, uma tentativa de se empreender uma leitura crítica dos discursos, examinando os seus pressupostos subjacentes na tentativa de abalar a dominação do centro e redefinir a totalidade dos acontecimentos. Na verdade, propõe-se questionar a existência de um conhecimento em estado puro, numa verdade absoluta dada à palavra. Na visão desestrutivista, não haveria possibilidade da

existência de um conhecimento em estado puro, nem uma verdade tida como absoluta consubstanciada pela palavra *logocentrismo*. Neste sentido é questionada a distinção entre a forma e o conteúdo, entre sujeito e objeto, etc. Parodiando Derrida, um Texto/Discurso Desconstruído pode ser comparado a um castelo devastado por um cataclismo, mas ao mesmo tempo não totalmente abandonado; pelo contrário, "assombrado" por mais de um "sentido" e quem sabe por formas diferenciadas de manifestações culturais. Enfim, a desconstrução não "destrói" o texto que está sendo examinado, mas coloca "*sub judice*" o(s) significado(s) antes incorporado(s) a este mesmo texto num processo que jamais termina.

O projeto da "Desconstrução" empreendido por nós, neste texto, nos levou a um questionamento de suma importância em nossa tentativa de entender/articular/dar novos sentidos às relações entre Cultura e Natureza, saindo do impasse em que muitos autores, especialmente analistas, permaneceram/permanecem enredados.

II – Natureza/Cultura: Uma relação (im)possível – Do orgânico ao pós-orgânico

1. Hipótese/Tese – Começamos por uma hipótese que irá sustentar a nossa argumentação a seguir. Supomos que há uma relação suplementar entre natureza e cultura. Daí não ter muito sentido "demonizar" uma ou outra.

Quanto a nossa tese:

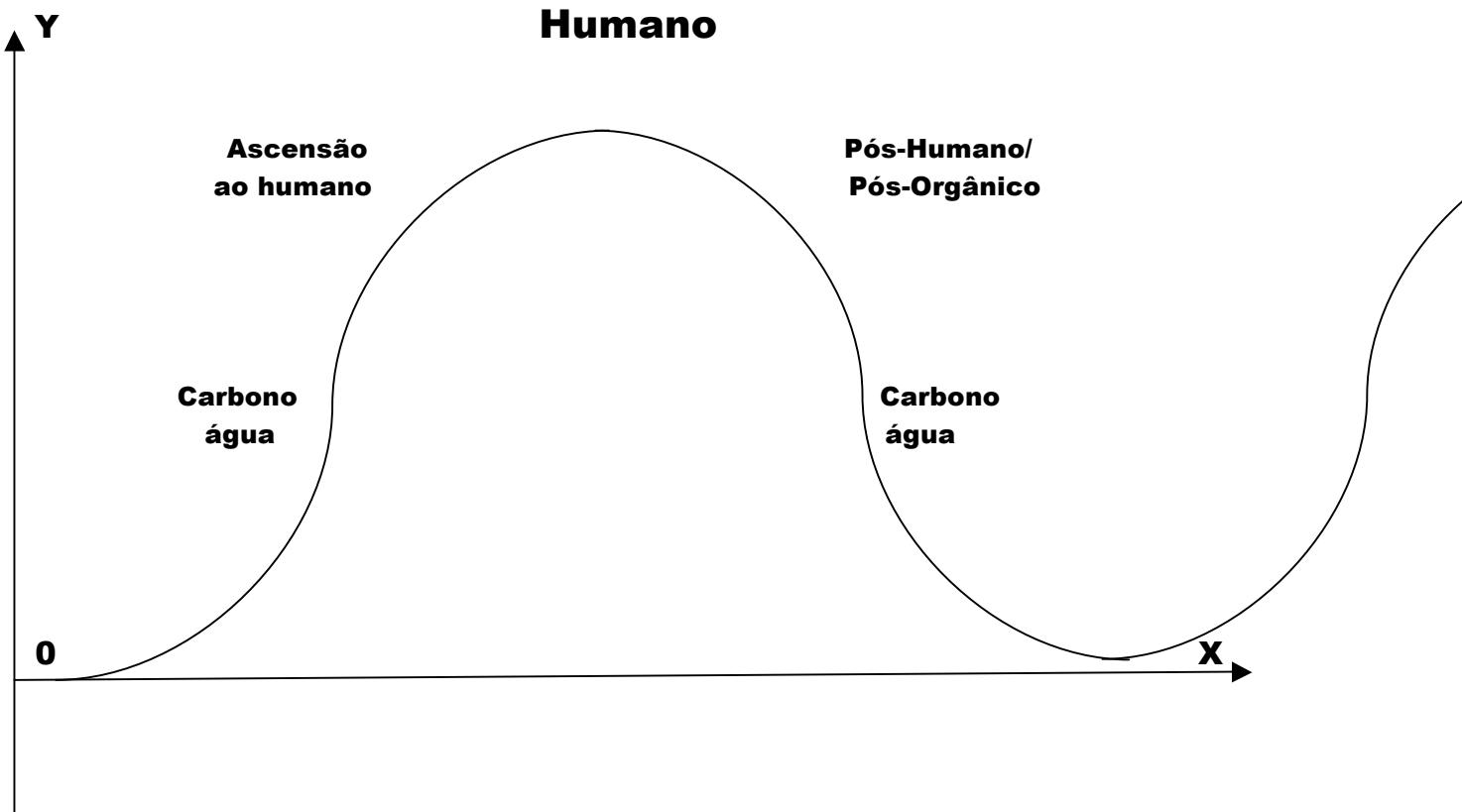
- Partimos do princípio que não há uma relação de descontinuidade entre a natureza e a cultura. Ao contrário, a presente condição do homem – físico/mental/social/político/cultural – nada mais é do que o estágio atual da evolução do sujeito em sua caminhada do inorgânico ao orgânico, em direção céleste ao pós-orgânico/interseção com o homem/cibernético (*cyberman*).

Hipótese/Tese – nos remete à origem da vida. De forma resumida, assim Diniz Silva vê a origem/evolução/origem/da vida:

"A vida tem sido o resultado de interações químicas entre si, constituindo células orgânicas e, assim, perpetuando as espécies."

O gráfico abaixo resume as nossas ideias sobre as relações entre cultura e natureza:

REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA NOSSA HIPÓTESE/TESE



Sendo assim, a questão toma um outro sentido quando deixamos de considerar como ruptura o nascimento do sujeito. Cabe a nós examinar agora o que acabamos de inserir em nossas reflexões. Pensamos que colocar como antinômico natureza/cultura e com isto deixar de fora o terceiro excluído inviabiliza qualquer tentativa de examinar as relações intrínsecas e extrínsecas que mantêm entre si.

Um retorno a Freud nos permite colocar as nossas questões, resumidamente, nos seguintes termos:

Mal-Estar/antagonismo entre as fortíssimas exigências pulsionais e as contínuas restrições impostas pela civilização que tem como origem a incompletude do sujeito.

2. O começo de tudo: O sujeito nasce incompleto.

Uma coisa nos parece certa: vemos/convivemos/causamos mal-estar até, em alguns casos, muito antes de chegarmos a este mundo... Um fragmento clínico ilustra muito bem o que estamos tratando aqui:

Uma paciente viveu um desconforto profundo quando não pôde contar com o marido – por conta da recusa deste – no momento em que era feito o implante do ovo em um procedimento de rotina numa gravidez assistida. Até hoje, além dos pais, esta criança, fruto deste “bem/mal-entendido”, sofre as consequências desconfortáveis deste desencontro...

Na tentativa de sobreviver neste mundo inóspito para quem “nasceu incompleto”, constatamos hoje – dentre tantos mais – um outro fato relevante. É sabido que na medida em que os homens abriram mão dos seus mentores externos – as Divindades/Grandes Narrativas e um Discurso Único da Ciência – criou-se/multiplicou-se mundo afora uma espécie de simulacro dos mesmos. A mídia sustenta, hoje, um “discurso” que se propõe examinar desde a forma mais adequada a cuidar do cabelo até os procedimentos mais seguros de como se submeter a uma colonoscopia com sucesso. Sabemos que o Homem já nos seus primórdios, dada a sua condição de neotênico (neotenia), progressivamente foi criando formas de sobreviver a partir de dois pontos: os cuidados básicos oferecidos pelos pais e a cultura. A partir do momento em que o homem se propôs a abandonar os deuses/utopias aparentemente asseguradores surgiu, de forma embrionária e vem crescendo, o que chamamos de “Arremedos das Grandes Narrativas”. Colocada a questão nestes termos fica uma interrogação: Se realmente existe uma “Nova Narrativa”, quais as suas dimensões, características, estrutura e função, hoje?

Dimensão: Globalizante

Características: Resiliente, Retrátil...

Estrutura: Vazada. Dá impressão de reter sem reter

Função: Uma verdadeira/falsa sustentação

O que foi dito acima é um pálido exemplo de como o homem lida/tenta negar a sua incompletude.

III – Mal-estar/bem-estar, hoje

As vivências de mal-estar/bem-estar, hoje, nos remetem a uma travessia nesta caminhada do orgânico ao pós-orgânico.

IV – Mal-estar: próprio da condição humana

No atual momento da evolução humana não há outra saída: o sujeito irá continuar as vivências de mal-estar, possivelmente, ainda por muito tempo.

V – Concluir sem terminar

Neste in/terminável processo em que o "Sujeito" vive hoje, duas interrogações em vez de uma conclusão:

- Primeiro: Sabemos, cada vez de forma mais clara, que o orgânico já não mais se sustenta como no passado. Conseguirá o sujeito ultrapassar o seu estágio orgânico e alcançar o pós-orgânico (uma mutação!?) ou ocorrerá uma violenta catástrofe levando o que se convencionou chamar de "Humano" ao estágio Pré-Humano/Carbono-Água (!?), e desta forma retornando ao patamar onde antes tudo teria começado!?

- Segundo: Freud, no último parágrafo do seu texto “O Mal-estar na civilização”, faz a seguinte declaração de cunho a um só tempo afirmativa/interrogativa:

“Atualmente os seres humanos atingiram sobre as forças da natureza um tal controle, que, com sua ajuda, não lhes é difícil recorrerem a elas para se exterminarem até o último homem. Eles sabem disso; daí, em boa parte, o seu atual desassossego, sua infelicidade, seu medo. Cabe agora esperar que a outra da duas ‘potências celestiais’, o eterno Eros, empreenda um esforço para afirmar-se na luta contra o adversário igualmente imortal. Mas quem pode prever o sucesso e o desenlace?” (FREUD, 2010, v. 18, p. 122).

Referências

- DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã: diálogo*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Trad. Miriam Schneiderman e Renato Jaime Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- DINIZ SILVA, Elisabeth Maria. *Origem da vida*. Belo Horizonte, 2012, p.3. Inédito.
- FIGUEIREDO, Luis Cláudio M. Mal-estar e subjetividade brasileira, p. 57-72. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, set. v.1, n.1, 2001 – Universidade de Fortaleza.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas de Sigmund Freud*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v.1, p. 480.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 495p. (*Sigmund Freud Obras Completas*, v. 18).
- GOULART, Audemaro Taranto. *Notas sobre o desconstrucionismo de Jacques Derrida*. PUC MINAS, 2003.
WWW.ich.pucminas.br/.../aldemaro/derrida%20-%20desconstrucao...
- PEDROSO JUNIOR, Neurivaldo Campos. *Jacques Derrida e a desestruturação: uma introdução*. In *Revista Encontros de Vista*, 5. ed., p.9.
WWW.encontrodevista.com.br/.../neurivaldo_junior_derrida_e_a_...
- SEIXAS, Raul. Eu nasci há dez mil anos atrás. Ano de 1976.
WWW.youtube.com/watch?v=3j2x29Lymtc
- SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. 228p (coleção Conexões).

João Francisco Neves

Psicanalista

Sócio Fundador do Phorus i.p. – Instituto de Psicanálise.

Consultório:

Rua: Santa Catarina, 1495.

Bairro: Lourdes

CEP: 30170-081

Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil

Contatos: (31) 3335-8388
(31) 9975-1495

E-mail: nevesj@terra.com.br